

PORTO DE SÃO MATEUS

Um arquiteto defende a ocupação das casas

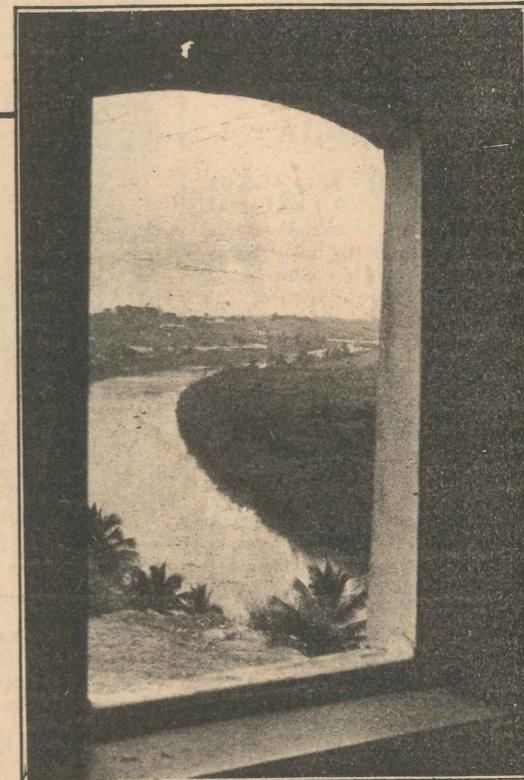
AJ 22772

A convite da Fundação Cultural do Estado, o arquiteto Reinaldo Machado esteve estudando a situação do Porto de São Mateus, já tombado pelo Patrimônio Histórico e cujo escoramento será iniciado, finalmente, nos próximos dias. Nesta entrevista, Reinaldo dá sua opinião sobre o aproveitamento do Porto, defendendo que o turismo seja apenas uma atividade secundária no local e que as casas sejam habitadas depois da restauração. Segundo ele, essa é a melhor forma de conservação.

Entrevista a
Annie Cicutelli



Reinaldo Machado é um arquiteto radicado em Minas Gerais



O que precisa ser feito, além do escoramento?

— O escoramento prolonga a vida do negócio, não está resolvendo ainda, mas serve para prolongar. O que precisa ser feito, além do escoramento, é definir muito claramente quem vai ocupar cada prédio daqueles e quem vai se responsabilizar por eles, porque é preciso que quem ocupe se responsabilize, e aí vale a pena você fazer a restauração. É uma garantia de que vai se manter: porque se você restaurar e deixar fechado não significa nada, ele dura mais alguns anos, depois precisa restaurar de novo.

Se tudo correr normalmente, você acredita que o Porto ficará restaurado em quanto tempo, funcionando como se fizesse parte da cidade?

— Vamos dar uma hipótese pessimista: quatro anos. Eu imagino que, à medida que você tiver alguns casarões daqueles funcionando, o Porto já começa a viver de novo, você faz o primeiro casarão, o segundo, o terceiro, então como já começa a dar uma certa atividade à área, vai valorizando a área, a vizinhança já vai se interessando em endireitar o dela. Mas não dá para saber o tempo exato porque a gente tem que pegar o auxílio de todas as fontes que vierem: se o Banestes quiser comprar um casarão daquele e fazer uma sede de banco lá, ótimo, vamos botar o Banestes lá, se as Amigas da Cultura (aqui não tem não, né, em Minas tem) resolverem fazer uma casa lá, então vamos fazer a casa das Amigas da Cultura. Quem quiser ajudar, pode vir...

O que você veio fazer em Vitória?

— Auxiliar a Fundação Cultural do Espírito Santo no projeto de realização do Porto de São Mateus.

... na implantação de um projeto já existente ou na elaboração de um novo?

— No começo todo um processo de tratamento daquela área. Já existe projeto de algumas coisas, de outras não existe ainda. Por exemplo: já existe um projeto de escoramento, cuja licitação já foi feita e mais dez ou quinze dias esta obra está começando: o escoramento de todas aquelas casas. Não existe ainda um projeto de arquitetura para consertar as casas.

Existe apenas o escoramento então?

— Sim. Seria necessário ainda uma série de contatos, reuniões, com pessoas que poderiam participar e auxiliar o projeto, por exemplo, a Prefeitura de São Mateus...

— E você está fazendo um projeto de escoramento, construção?

— Não, é o projeto de uma casa. Eu fiz um parecer-geral sobre a área, sobre o que poderia ser feito lá, na área, como um todo. Estou fazendo o primeiro projeto da primeira casa.

Você vai apresentar apenas um projeto ou vai fazer outros para todas as casas?

— Não, o DEO é que ficou encarregado de fazer os projetos para todas as casas. Eu estou fazendo este primeiro como exemplo, junto com o pessoal do DEO.

Você fez um parecer sobre como a área poderia ser utilizada. Qual a sua opinião?

— Isto eu acho que é o mais importante. Inclusive mais importante que o projeto de arquitetura...

ções, turismo hoje já não pode ser. Eu acho inconveniente turismo em qualquer época, ele, desordenado, é inconveniente em qualquer época, e além disso as condições mudaram mesmo, hoje você não pode pensar em levantar um patrimônio daquele em termos de turismo. Com as experiências, trabalhos, que foram feitos em Minas, Bahia, Nordeste todo, Pernambuco, Paraíba, estes trabalhos que são feitos lá estão demonstrando que é muito mais lógico você fazer isso sendo de utilidade social, é um patrimônio que significa bens, patrimônio mesmo, coisas que foram construídas lá que podem ser úteis. Em Portugal, por exemplo, na Cidade do Porto, tem uma área histórica que está sendo restaurada para ser alugada para moradia. O Governo português restaura a casa e a aluga barato, para as pessoas de baixa renda. Aqui no Brasil ainda não se faz isto, nem vai fazer tão cedo, porque ainda não há programa de aluguel, o BNH faz para vender... agora está falando em aluguel, mas não estabeleceu um programa.

No seu projeto, você propõe a restauração do Porto para um aproveitamento pela cidade...

— O que acontece com um trecho da cidade... Minha visão é a visão de uma pessoa que trabalha com planejamento urbano o tempo todo. A cidade, para mim, é uma coisa viva, e é mesmo, não é só opinião. Então, quando a área da cidade deixa de ser útil, morre, apodrece. O que aconteceu com o Porto de São Mateus foi exatamente isto, ele era útil, era um porto, funcionava como porto, o rio deixou de dar entrada, ou reduziu a capacidade de calado dos navios, a estrada foi feita do outro lado, então deixou de se usar o porto e passou a se usar a estrada. Então, a

usado, vai ter um bocadinho de gente todo o dia, vai funcionar. Se você põe uma pequena escola numa casa grande daquela, será também uma área útil funcionando. E até residências mesmo. Residência é mais difícil devido ao problema jurídico de você pegar o dinheiro público e gastar em obras particulares, então fica mais difícil. Mas, no meu entender, seria muito bom que aquilo pudesse ser ocupado também como residências.

Você já trabalhou em várias cidades históricas. Acredita que o Porto de São Mateus tem validade, em termos de passado?

— Tem, eu acho que sim. O Porto de São Mateus não é nenhuma obra prima, não tem nenhuma casa, nem prédio que seja uma grande obra de arquitetura. São prédios comuns, alguns de boa qualidade, mas a maioria prédio comum, do fim do século passado. Ele, como obra de arquitetura, realmente não tem nenhuma casa que a gente pudesse citar com grande destaque, não pode nem comparar com a Igreja dos Reis Magos, em Nova Almeida, por exemplo, muito menos o Casarão de Beza. Agora, como ambiente

o que val ser cumprido ou já houve casos em que programas deste tipo não foram cumpridos?

— A maioria dos projetos que fiz não foi cumprida. Acontece que hoje estamos numa fase, estamos mudando de mentalidade, o pessoal que trabalha com isto. Houve uma época em que a preservação do patrimônio cultural não tinha o menor interesse do Governo brasileiro, eles não estavam interessados, e foi criado o Iphan. Por um intelectual, Rodrigo de Melo Franco, ajudado por outro Mario de Andrade e Capanema, que era ministro da Educação no Governo de Getúlio Vargas, resolveram criar o Iphan... foi, vamos dizer, uma idéia avançada na época porque não havia sentimento desta necessidade, a população não sentia necessidade de preservar, o Governo não sentia, e esses caras muito avançados começaram a defender a preservação. Aí, evidentemente, como era uma coisa inicial e de um grupo muito pequeno, eles se preocuparam com o que era mais valioso do ponto de vista estético, artístico e histórico. Eles se preocuparam com

Mateus, que há 20 anos atrás nunca se pensaria, porque não há nenhuma obra importante em si. Então, não se pensaria nisto, porque esta noção que o ambiente da cidade também faz parte da cultura é mais nova, e esta pressão pública... eu acho que a pressão pública é a mais importante, começa a ser agora. As pessoas estão reclamando que cortaram todas as matas, destruíram todas as casas, nas grandes cidades um edifício destrói cinco, seis casas de uma vez só, no começo do século você destrói uma casa, fazia outra.

Antes, quando você trocava uma casa por outra, guardava o mesmo tamanho, a mesma proporção. Hoje, você troca uma casa por um edifício, muda a paisagem, antes não mudava a paisagem, você mudava aquela casa, uma fachada da rua que mudava. Hoje muda-se a paisagem e as pessoas começaram a sentir isso. Então começaram a ver também que o importante é guardar alguns trechos da cidade que ainda têm estas paisagens, até às vezes por saudade da infância... Eu sou contra isto, mas às vezes é por saudade da infância: antigamente era assim eu gostava. Não é bem

Você fez um parecer sobre como a área poderia ser utilizada. Qual a sua opinião?

— Isso eu acho que é o mais importante. Inclusive mais importante que o projeto de arquitetura, porque aquelas casas não têm nenhuma sofisticação especial no plano de arquitetura. Não precisa de um especialista para isto, para fazer projeto para cada casa. Agora, para o conjunto todo, é preciso implantar uma mentalidade diferente, de que, por exemplo, aquilo não será para turismo, a finalidade daquilo não é turismo, a finalidade daquilo é ser útil à cidade. Meu parecer defendia isso. Que faça parte da cidade de São Mateus e seja útil para a cidade de São Mateus. Se por acaso houver turismo, provavelmente há, é uma atividade secundária, não poderia ser atividade principal daquela área. Pensando assim, você não tem razão para fazer três restaurantes, dois hotéis.

Por que você acha que aquela área não pode servir para turismo?

— Primeiro, porque ela não deve servir para turismo, senão vai ser uma parte separada de São Mateus, ela está dentro de São Mateus e o povo não vai poder usar... se o turismo der bom resultado lá. Ela vai ser invadida por todo mundo de fora, menos o povo de São Mateus e isto vai deturpar: primeiro, a cultura de São Mateus, aquele pessoal que hoje canta bumba meu boi, os congos, e tudo mais, para eles, da maneira deles serem, vão fazer isto para o turista. E quando eles mudam para fazer para o turista, mudam a qualidade da coisa. Então, se o turismo for secundário, não, ainda continua a qualidade, mas se for feito para o turismo, altera. A gente já viu isto em Ouro Preto, em vários lugares. Então, o turismo não convém como atividade principal, na área. Ele pode ser uma atividade secundária, e deve ser utilizado como fonte de renda para aquela área, mas não como atividade principal, isto seria inconveniente.

Além disso, acredito que fazer a pessoa viajar três horas até São Mateus... criar agora um turismo em São Mateus, porque não há ainda, agora que o turismo no Brasil está decaindo, por problema de gasolina e tudo mais, vai ser preciso uma campanha muito forte e muito especial para levar o pessoal a São Mateus, porque não há ainda o hábito. Se Guarapari, que já tem o hábito, tá diminuindo, se as estâncias hidrominerais estão diminuindo, imagine você criar um novo fluxo para ir a São Mateus, sabendo que a pessoa pode terminar indo para Porto Seguro, que é ali perto.

Eu não acredito na possibilidade de fazer turismo em São Mateus, a não ser com uma campanha maciça de propaganda, publicidade, e que force a barra, porque normalmente não haveria...

Quando o Porto de São Mateus foi tombado, a Fundação Jones dos Santos Neves ficou encarregada de fazer um projeto de restauração e manutenção do Porto como área de turismo. O que você achou do projeto?

— O projeto da Fundação foi feito há dois anos. O Programa Federal de Cidades Históricas foi lançado há dois anos, por uma comissão composta por Minas Gerais, Espírito Santo e Rio de Janeiro, ligada à Secretaria de Planejamento da Presidência da República, da qual fazia parte a Embratur, o Iphan e a própria Secretaria. Pelo fato de a Embratur estar dentro desta comissão e de uma lei chamada Lei do Patrimônio Turístico, forçava-se e carregava a tinta neste tipo de projeto, para o aproveitamento turístico e chamado cultural também. Não deixa de ser, como eu falei, um turismo como fonte secundária, que traz renda para o local. Acontece que neste projeto anterior, o turismo era função principal e a chamada atividade cultural. Naquela época, a cidade de São Mateus tinha a Semana de Arte uma vez por ano, e eu acho que isto impressionou o pessoal o influenciou, e eles projetaram em termos desta Semana de Arte, a Universidade, na época, mostrou-se interessada em participar da coisa e em instalar lá alguns cursos e tudo mais. Então, o projeto da Jones Santos Neves era basicamente a área cultural e a área turística, eu acho que hoje mudaram completamente as condi-

era útil, era um porto, era uma navegação, o rio deixou de dar entrada, ou reduziu a capacidade de calado dos navios, a estrada foi feita do outro lado, então deixou de se usar o porto e passou a se usar a estrada. Então, a área que é o Porto deixou de ter função e morreu. E agora está apodrecendo, está caindo. Ainda tem, para complicar a situação, a ligação entre esta área do porto e o resto da cidade, são três ladeiras que estão em péssimo estado, então, a ligação também é difícil, ou seja, o sangue não corre se a ligação é difícil.

Eu só acredito na possibilidade de fazer aquilo restaurar. A gente quer conservar aquela cidade, as casas só podem ficar conservadas quando elas forem úteis de fato, porque, com as pessoas ocupando, vão tratar delas, vão cuidar, uma gente que aparece o cara tira; quando está desocupada, a goiteira aparece, apodrece a madeira, cai lá dentro e vai ficando, cada vez mais. Sendo habitada, a pessoa abre a janela, ventila a casa, fecha a janela quando chove. Não tem ninguém, o negócio fica fechado o tempo todo, desenvolvendo mofo, animal, cupim, tudo. Nenhuma conservação. Eu só acredito que é possível conservar se for usado de fato. O uso conserva melhor que o abandono. E como é que você vai usar de fato se você põe coisas que não têm nada a ver com a vida da cidade. Se você põe atividades úteis, por exemplo, um atendimento de saúde, um posto do INPS, aquilo vai ser

realmente não tem nenhuma casa que a gente pudesse citar com grande destaque, não pode nem comparar com a Igreja dos Reis Magos, em Nova Almeida, por exemplo, muito menos o Convento da Penha. Agora, como ambiente, região urbana, o desenho da cidade, aquela praça grande que tem entre os casarões, o rio correndo na frente, aquilo é uma espécie de documento de uma época em que a cidade era porto, é um documento histórico, é mais um valor histórico do que valor arquitetônico. Aquilo é um documento da época da cidade, é o tipo de ambiente que hoje não existe mais. Você olha o resto de São Mateus, tem aquela igreja antiga, uma ruína que tem lá, muito interessante, uma ou duas casas perdidas no meio de um bocado de coisa sem personalidade. A única parte da cidade que tem personalidade é o porto, é o que faz ela ser diferente das outras cidades do interior. Qual a diferença entre São Mateus e Linhares? A diferença arquitetônica? É o Porto de São Mateus. Linhares é uma cidade maior, mas o jeito é o mesmo. Aquelas casas iguais em todas as cidades brasileiras do interior. Aquele porto não, tem personalidade. Então, o conjunto das casas todas é que eu acho que vale a pena preservar.

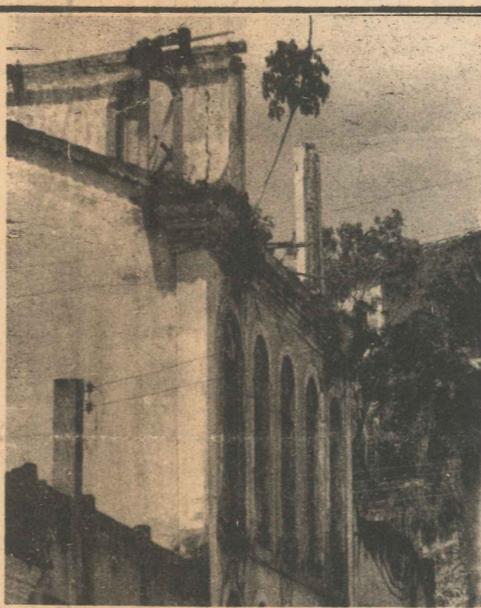
O Espírito Santo nunca teve tradição histórica, desejo de preservar seu passado. Pela sua experiência, você acha que este pro-

... e essas caras muito avançadas... defender a preservação. Al, evidentemente, como era uma coisa inicial e de um grupo muito pequeno, eles se preocuparam com o que era mais valioso do ponto de vista estético, artístico e histórico. Eles se preocuparam com as grandes obras de arquitetura, os conventos franciscanos, as igrejas jesuítas, o barroco mineiro, as grandes obras realmente, que cada obra em si tem grandes qualidades na história da arquitetura brasileira. A mudança que está havendo hoje é o que? Você chega em cidades como São Paulo e não tem mais nada que não seja de pelo menos 120 anos. São Paulo capital não tem mais nada que não seja de pelo menos 120 anos. Eles começaram a perceber que a cidade perdeu qualquer caráter, o que que é isso?... é muito difícil de explicar, mas é uma sensação que as pessoas têm de que não têm mais passado e que as coisas são muito mutáveis, estão mudando todo dia. E eu acho que isto começou e que por isso, talvez, dessa razão, dessa necessidade, de ter uma referência, como é que era antes? Para onde que nós vamos? De onde viemos? Aquelas perguntas famosas.

Começou a haver um movimento popular ou pelo menos da classe média, um movimento de necessidade de se preservar estas referências e aí está mudando a mentalidade dos profissionais do assunto. Você vê que hoje já se fala em preservar conjuntos como São



Porto de São Mateus, em outubro de 1975...



... em maio de 1976...



... no ano passado...



... e em setembro deste ano

importante é guardar alguns trechos da cidade de que ainda têm estas paisagens, até às vezes por saudade da infância... Eu sou contra isto, mas às vezes é por saudade da infância: antigamente era assim, eu gostava. Não é bem por isto que estou defendendo que mantenha, por saudade, eu acho que é a maneira, você guardar esta personalidade da gente como um povo.

Em que cidades você já trabalhou?

— Ouro Preto é a principal em que já trabalhei, um ano e meio, fizemos um plano de preservação da cidade inteira, Ouro Preto e Mariana, algumas obras estão sendo feitas agora, este projeto terminou em 1975. De dois anos para cá estão começando a fazer as primeiras obras, mas de 75 a 77, o negócio ficou parado. Acho que agora está realmente andando como deveria. Trabalhei em outra cidade chamada Cerro, uma cidade de Minas Gerais, também antiga, um conjunto valioso de casas que não era considerado importante antes, uma cidade isolada, não tem estrada de asfalto e está decaindo. Então fizemos um projeto para esta cidade também. Além disso, fiz uma série de levantamentos de reconhecimento do patrimônio cultural de Minas Gerais, fizemos pesquisa numa região que não era pesquisada ainda, em 21 municípios, identificamos tudo que tinha lá, fizemos um programa estadual mineiro de restauração, são 180 projetos de restauração, que estão sendo feitos agora, onde a gente identificava as 180 obras mais importantes. Fiz um trabalho para o Estado do Rio, chamado Manbudada, uma cidadezinha perto de Parati. Mas o tempo todo fiquei mais em Minas.

Em termos de projetos não realizados, você conhece algum, por descaso das autoridades ou por falta de verbas...

— Não, dinheiro não é mais argumento, porque agora dinheiro tem. Existe este programa das cidades históricas da Seplan com Iphan e este programa tem dinheiro. Acontece que durante 40 anos do Iphan, de 37 até 77, não tinha dinheiro. Não tendo dinheiro, não tinha pessoal preparado, porque ninguém ia se especializar num assunto sem fazer nada. Quando a Seplan, junto com o Iphan, sobretudo a Seplan, colocou o dinheiro, temos uma verba de tantos milhões, o que aconteceu é que tem o dinheiro e não tem quem faça. Tem pouca gente preparada para atuar nisso, em todos os níveis, não tem arquitetos especializados, porque às vezes precisa, nem sempre, não tem mestre de obras especializado, pedreiros, firmas construtoras que saibam fazer reconstrução. De uma maneira geral, não tinha ninguém preparado para fazer isto. Os estados, Minas Gerais, Espírito Santo e Rio de Janeiro, não tinham estrutura para isso, também, um departamento eficiente que tomasse conta do patrimônio, todos eles dependiam do Iphan a vida toda, o Iphan, por sua vez, não tinha dinheiro. Então, uma espécie de círculo vicioso, não tinha dinheiro, não tinha estrutura, não tinha pessoal. Agora, o dinheiro apareceu, rompeu o círculo, os estados ainda não têm estrutura. Minas Gerais, onde moro, passou um bom ano, um ano e meio, para conseguir se arrumar para gastar este dinheiro, o Espírito Santo ainda não está preparado para isto.

O Espírito Santo tem condição de "gastar este dinheiro"?

— Tem, só não pode ter a impaciência de começar amanhã. Realmente, é um trabalho que é lento, você formar uma estrutura, formar um pessoal, começar a gastar este dinheiro aos poucos...

Mas o Porto de São Mateus está caindo...

— Sei, mas alguma coisa está se fazendo agora, que é escorar o Porto, para evitar cair...

Se nada fosse feito, quando tempo você daria para o Porto desaparecer?

— Desaparecer é muito longo, mas para ficar perdido mesmo, mais uns dois anos. Se não fizessem nada, mais dois anos e não tinha mais o que fazer. A primeira coisa está começando agora, o escoramento, o primeiro projeto a gente está fazendo no DEO. Mas tem muita coisa para fazer ainda antes de começar a fazer uma obra já.

Banestas lá, se as Amigas da Cultura (aquí não tem não, né, em Minas tem) resolverem fazer uma casa lá, então vamos fazer a casa das Amigas da Cultura. Quem quiser ajudar, pode vir...

Mas quem for fazer alguma coisa lá, val ter que se comprometer a preservar...

— Sim, al vem o papel do trabalho que fiz aqui para a Fundação. Eu estou deixando aqui uma espécie de lei de tratamento daquela área. É claro que eu não posso fazer lei. Este documento é um modelo de lei que a Prefeitura de São Mateus tem que ler, discutir, achar bom, achar ruim, modificar, mandar para a Câmara da cidade, e a Câmara aprovar como lei. Neste modelo, a gente exige coisas assim: não pode usar janela basculante de metal, porque não tem nada a ver com aquilo; não pode fazer telhado de eternit, tem que fazer telhado de telha de barro colonial; não pode fazer prédio de apartamento, por exemplo. Uma série de limitações que permite a pessoa restaurar a casa dela, sem ferir o conjunto. Dentro da casa, pode fazer o que quiser dentro...

O projeto da Fundação Jones dos Santos Neves proíbe a descida de carros, caminhões, ônibus. O que você acha?

— Isso eu acho bobagem. O ônibus e o caminhão, você tem que pensar por onde eles vão ter que descer para chegar lá. Eles não podem descer por qualquer canto, porque o peso do ônibus e do caminhão abala a estrutura das casas. Mas os automóveis de passeio não têm problema.

Em caso de ônibus e caminhão, teria que se fazer outra passagem...

— Não naquelas duas ladeiras principais, tem uma terceira ladeira lá que não teria problema. Na área principal, não seria bom que entrasse carro...

Qual o seu currículo?

— Nasci na Paraíba, em João Pessoa, em 12 de julho de 1948. Sou arquiteto, presidente do Instituto dos Arquitetos do Brasil, Departamento de Minas Gerais. Sou formado pela Faculdade de Arquitetura de Pernambuco.

E por que você resolveu se dedicar ao "passado"?

— Eu acho que resolvi me dedicar ao passado porque o presente está muito esquisito: uma invasão cultural tremenda, a gente perdendo totalmente a personalidade, o país perdendo a personalidade, invasão de cultura estrangeira, música estrangeira, hábitos estrangeiros, sopas enlatadas e a gente tem muita coisa da gente que tem que ser valorizada, estas coisas, ou estão no interior, nas cidades pequenas, que não chegaram ainda ao nível de São Paulo, ou estão nas coisas antigas. Então não é por querer voltar ao passado, porque eu acho ridículo, não se volta ao passado de jeito nenhum, a gente tem que procurar a chamada famosa raiz, o que é que nós somos?, a pergunta é esta mesmo, o que é que faz a gente dizer que isto aqui é patrimônio cultural brasileiro. Não é uma coisa qualquer assim, tem nome isso. Também é porque é onde eu fui entrando. Na verdade, nunca foi uma coisa que a gente escolheu, "vou mexer com o passado", fui entrando nisso. Eu já mexi com a Amazônia também, morei dois anos no Amazonas, e lá realmente era ajuda na Transamazônica, não tinha nada a ver com patrimônio cultural, pelo contrário, aquilo lá é uma tragédia. Depois sai de lá, fui trabalhar no Plano de Ouro Preto, pois descobri numa revista que ia ser feito o plano para preservar Ouro Preto, fui lá tentar emprego, consegui, fiquei, deu bom resultado, pronto, agora também eu acho que nunca mais saio disso. Estou fazendo uma força para fazer um projeto de arquitetura, uma casinha, mas ninguém me dá uma casinha para eu fazer, só me dão casa velha. Nunca fiz um projeto de arquitetura, uma casa, uma coisa nova, só faço coisa velha. Mas aí você vai entrando na área e vai ficando na área. Publiquei um livro, e agora que eu estou condenado mesmo, foi divulgado...